

DISPOSITIVOS GRUPAIS UTILIZADOS POR RENÉ KAËS: APONTAMENTOS PARA O ESTUDO DE SUA ARQUEOLOGIA E GÊNESE¹

Pablo Castanho²

Resumo

Neste artigo propomos alguns apontamentos sobre a arqueologia e a gênese dos dispositivos psicanalíticos de grupo franceses utilizados por René Kaës com vistas a permitir uma melhor compreensão dos mesmos. Identificamos os *T-groups* de origem lewiniana e o psicodrama moreniano como os dois principais dispositivos da “pré-história” da psicanálise de grupo francesa. Os dispositivos de grupo utilizados por René Kaës seriam assim oriundos de um processo de “re-invenção” que nega e ao mesmo tempo deixa traços nos novos dispositivos. O uso de “seminários intensivos”, a perspectiva formativa e a afirmação da primazia da palavra em todos os grupos são exemplos deste processo.

Palavras-chave: Psicoterapia de Grupo; Psicanálise de Grupo; Dispositivo Analítico; Enquadramento; Kaës, René, 1936.

GROUP SETTINGS EMPLOYED BY RENÉ KAËS: NOTES ON ITS ARCHEOLOGY AND GENESIS

Abstract

In order to promote a better understanding of the psychoanalytical group settings employed by René Kaës, this article explores some aspects of their archeology and genesis. We identify the *T-groups*, originated from Kurt Lewin, and the Psychodrama, from Moreno, as the two main group settings of the French Group Psychoanalysis “prehistory”. The group settings employed by René Kaës would be originated from a process of “reinventing” them, which has simultaneously denied and let some of their traces endure into the new settings. The use of “intensive seminars”, the formative perspective, and the proposition of the speech as the cornerstone to all kinds of group work are examples from this process.

Key-Words: Group Psychotherapy; Group Psychoanalysis; Analytical Setting; Analytical Frame; Kaës, René, 1936.

¹ Agradeço à Olga Ruiz Correa pela leitura cuidadosa e comentários feitos a este texto.

² Professor de Psicologia da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Doutor em Psicologia Clínica (PUC-SP). Mestre em Psicologia Social (USP-SP). Membro do Núcleo de Estudos em Saúde Mental e Psicanálise das Configurações Vinculares (NESME). E-mail: pablocgc@terra.com.br

DISPOSITIVOS GRUPALES UTILIZADOS POR RENÉ KAËS: APUNTES PARA EL ESTUDIO DE SU ARQUEOLOGÍA Y GÉNESIS

Resumen

En este artículo proponemos algunos apuntes sobre la arqueología y génesis de los dispositivos psicoanalíticos de grupo franceses utilizados por René Kaës, con vistas a permitir una mejor comprensión de los mismos. Identificamos los *T-groups* de origen lewiniana, y el psicodrama moreniano, como los dos dispositivos principales de la “prehistoria” del psicoanálisis de grupo francés. Los dispositivos de grupo utilizados por René Kaës serían entonces oriundos de un proceso de “re-invención” que niega los dispositivos anteriores, y al mismo tiempo conserva algunos de sus trazos. El uso de “seminarios intensivos”, la perspectiva de formación y la afirmación de la primacía de la palabra en todos los grupos son ejemplos de este proceso.

Palabras-clave: Psicoterapia de Grupo; Psicoanálisis de Grupo; Dispositivo Analítico; Encuadre; Kaës, René, 1936.

A leitura dos textos de René Kaës costuma ser acompanhada de certa dificuldade do leitor fora da França em visualizar a prática da qual se fala. O profissional costuma sentir dificuldade no diálogo entre suas leituras de Kaës com os desafios que sua prática de grupo lhes apresenta no cotidiano. Creemos que uma das razões para esta dificuldade diz respeito ao fato de Kaës se dirigir a leitores franceses que partilham com o autor um conhecimento tácito de aspectos dos dispositivos grupais empregados. Nós naturalmente lemos seus textos dentro de nosso próprio universo cultural, utilizando o conhecimento tácito que temos sobre os dispositivos grupais que partilhamos na América Latina. Não nos damos conta de que há diferenças entre estas tradições e que, portanto, os dispositivos de grupo aos quais Kaës se refere podem ser semelhantes, mas não idênticos àqueles que costumeiramente imaginamos ao lê-lo.

É certo que Kaës contribuiu e contribui de modo decisivo para a criação e desenvolvimento dos dispositivos que ele mesmo utiliza, porém, ao abordar estes dispositivos, entramos num terreno de um projeto coletivo e por isso mesmo, o estudo dos dispositivos utilizados e relatados por Kaës nos obriga a passar por outros autores e referências. Uma particularidade importante desse processo coletivo é o fato de que a invenção psicanalítica do grupo na França fez e ainda se faz pela apropriação e re-invenção de dispositivos e estratégias grupais pré-existentes. O estudo dos momentos iniciais da invenção destes dispositivos e a identificação dos dispositivos anteriores (não-psicanalíticos) que de algum modo serviram de suporte no processo, ajuda-nos a representá-los com mais clareza pois possui um valor pedagógico no estudo e compreensão dos mesmos.

Vale lembrar que a partir do pós-guerra, um grande número de práticas grupais popularizou-se na França (RODRIGUES, 2007) oferecendo aos pioneiros do grupo psicanalítico experiências empíricas promissoras, bem como a necessidade de diferenciação em relação ao que já existia. Neste cenário, em um texto co-assinado por Kaës como *Avant-propos* de uma obra coletiva originalmente publicada em 1972 (ANZIEU et al., 1973), acompanhamos o argumento de que dentre as muitas técnicas grupais em voga na França da época, as menos diretivas seriam as mais apropriadas aos objetivos de um trabalho psicanalítico. Segue-se uma lista:

Eles são: o grupo diagnóstico; o psicodrama; o grande grupo de 40 a 60 pessoas, conduzido não diretamente; a discussão de caso, com a condição de que eles sejam trazidos pelos

próprios participantes (grupos de tipo Balint); [...] grupo de relaxamento. (ANZIEU et al., 1973, p. VIII-IX.)³

Uma nota de rodapé esclarece ser o “grupo de diagnóstico um sinônimo dos ‘t-groups’ de origem lewiniana”. A menção aos *t-groups*, bem como aos outros dispositivos de grupo pré-existentes nesta passagem, nos introduz no campo “arqueológico”. Tomamos o termo “arqueologia” de Roussillon (1995), que o empregou em seu célebre estudo sobre os antecedentes do enquadre psicanalítico: ao investigar o magnetismo animal e a hipnose, Roussillon lançou luz sobre alguns aspectos até então insuspeitos e outros nem tanto (cf. Macalpine 1950 sobre hipnotismo e transferência) do dispositivo analítico.

Ao falarmos em arqueologia estamos no campo da “pré-história” dos dispositivos estudados, já ao utilizarmos o termo “gênese”, localizamo-nos no início de sua história. Recorremos às noções de “arqueologia” e de “gênese” dos dispositivos como forma de organizar e sustentar a apresentação dos dispositivos de grupos utilizados e estudados por René Kaës:

A) Do *t-group* ao grupo psicanalítico: uma herança do uso “formativo” dos grupos

Em 1965, Kaës protagonizou a organização de um evento importantíssimo na história da perspectiva psicanalítica francesa. Em nome de uma associação de psicólogos preocupada com a formação profissional em sua região, Kaës convidou e acompanhou Didier Anzieu na condução de um pequeno grupo de diagnóstico realizado de modo intensivo. Foram quatro dias de trabalho para os quais foram planejadas 12 (doze) sessões de uma hora e meia cada uma (na prática, houve uma décima terceira sessão, de meia hora ao final do período). O protocolo detalhado destes encontros foi organizado, comentado e publicado em 1976, sob o nome de “Crônica de um grupo” (KAËS & ANZIEU, 1976). Dez anos depois da realização do grupo, Kaës discorreu sobre a importância deste evento inaugural:

[...] os aspectos da técnica que hoje nos parecem desajeitados, as insuficiências ou os erros no estabelecimento da situação operatória, as modalidades ou os conteúdos das interpretações, que poderíamos apreciar de outro modo dez anos depois, contribuiram, por outro lado, a estimular a investigação sobre o método e a teoria do grupo de formação, à propósito do imaginário nos grupos e da ilusão grupal (D. ANZIEU, 1966, 1971, 1972), da transferência e da liderança como expressão da resistência (A. BÉJARANO, 1972), do processo ideológico, da regressão, do aparelho psíquico grupal e da análise intertransferencial (R. KAËS, 1971, 1973 b, 1976a, 1976 b). As “falhas” inevitáveis que experimentamos nos estimularam: elas compõem, em parte, a qualidade da experiência que os participantes puderam viver: o interesse científico que apresenta este documento é tributário destas dificuldades. (KAËS & ANZIEU, 1976, p.3)

O uso do termo “grupo de diagnóstico”, oficialmente utilizado pela instituição promotora do evento para nomear o trabalho realizado, indica a herança lewiniana da proposta. Por isso, é útil lembrar que os grupos de diagnóstico nasceram “Quatro meses depois da morte de Lewin, no verão de 1947” (ANZIEU & MARTIN, 1968/2000, p.146). Eles teriam sido criados de modo “acidental”, pelos discípulos de Lewin, reunidos em Bethel, EUA. Ocorreu que durante um seminário de formação, as discussões sobre a dinâmica dos grupos realizados, até então restrita somente aos monitores dos grupos, contavam com a participação dos próprios integrantes destes grupos. Nasceu assim a proposta de grupos de formação não diretivos, nos quais os participantes seriam estimulados a refletir sobre as dinâmicas que emergem em seu grupo. Tal “não-diretividade” atraiu

³ Esta e as demais traduções de textos relacionados em língua estrangeira na bibliografia são de nossa autoria

os psicanalistas, que começaram a explorar outras possibilidades do dispositivo criado em Bethel. Em 1968, Anzieu e Martin observaram a grande variedade de formas de condução dos grupos de diagnóstico na França, indicando que em um dos extremos de tal diversidade encontramos: “[...] o monitor, que possui uma dupla formação psicanalítica individual e grupal e realiza nestes grupos um trabalho de interpretação da resistência e da transferência [...]” (ANZIEU & MARTIN, 1968/2000, p.150).

Portanto, em 1965, já não se trata mais do grupo de diagnóstico desenvolvido em Bethel, mas de um dispositivo em processo de re-apropriação e reinvenção. Neste processo criativo, são as concepções e a técnica do condutor que se transformam de modo mais intenso e evidente. Vestígios “arqueológicos”, por outro lado, são mais facilmente observáveis em elementos do enquadre. A organização de grupos com “um número relativamente elevado de reuniões consecutivas [...]” (ANZIEU & MARTIN, 1968/2000, p.149.) é um exemplo deste fenômeno. Conquanto na literatura psicanalítica inglesa, por exemplo, abundam exemplos de grupos terapêuticos realizados poucas vezes ao mês durante longos períodos, em René Kaës a forma de organização do tempo presente nos grupos de diagnóstico é a mais comumente encontrada nos grupos relatados ao longo de todas as fases de sua obra.

No tocante as instruções e regras dadas ao grupo, vejamos como Kaës e Anzieu apresentaram o grupo aos participantes em 1965:

O monitor formula as regras de funcionamento do grupo de diagnóstico: falar do que é sentido aqui e agora, restituir em sessão o que é dito sobre o grupo durante os intervalos de sessão, abstinência de toda a relação pessoal durante a sessão entre o monitor e os participantes, definição de lugares e de horários, indicação de sua função e da função dos observadores. (KAËS & ANZIEU, 1976, p.16)

Em escritos posteriores, as instruções iniciais podem não ser relatadas de modo tão claro, e certamente não se trata em 1965 do estabelecimento de uma fórmula a ser repetida sem alterações nos trabalhos futuros, mas chama a atenção a retomada posterior de alguns elementos do parágrafo citado. Notemos o pedido para que aquilo dito sobre o grupo fora dele seja “restituído” ao mesmo. Referida como regra da “restituição” ela é particularmente importante e evocada na tradição psicanalítica de grupo francesa quando os participantes convivem entre si em espaços fora do grupo. Neste sentido, Kaës observa em vários momentos que ela é uma alternativa à regra de que os participantes devem se abster do contato entre si fora do grupo. As regras de abstinência e restituição, são as regras específicas ao trabalho grupal mais evocadas por Kaës em sua obra.

No grupo de 1965 aparece como “recomendação”, impressa no folheto de divulgação do evento, uma ideia que pode ser de conhecimento tácito entre os participantes do grupo, mas que de fato nos parece importante ser explicitada para aqueles que se iniciam no campo. Lemos no folheto de 1965 que “os participantes são solicitados a manterem a mais absoluta discricção fora das sessões sobre as questões evocadas por cada um durante as sessões” (ANZIEU & KAËS, 1976, p.186-187).

Creemos que um “resquício arqueológico” dos grupos diagnósticos lewinianos um pouco menos evidente se faz presente na noção de “formação”. A perspectiva psicanalítica francesa vê os grupos de formação como “uma das variantes da psicoterapia psicanalítica” (ANZIEU et al., 1973, p. 147). No texto em que Anzieu e Kaës coassinam junto com os demais autores do livro lemos que “A formação se mostrou uma forma de psicoterapia breve particular.” (ANZIEU et al., 1973, p.VIII). Esta concepção sustenta, do ponto de vista epistemológico, a validade dos grupos de formação, neste formato intensivo, como instrumento de pesquisa psicanalítica. Na medida em que esta estratégia de organização do tempo e dos objetivos do trabalho prevalecem nos escritos de René Kaës, vemos sua importância na construção do pensamento do autor. Neste ponto, vemos uma convergência parcial com a tradição latino-americana encabeçada por Pichon-Rivière: a relação próxima entre “formação” e “psicoterapia psicanalítica”, faz eco na concepção pichoniana de

“aprendizagem”. cremos que esta seja a razão pela qual alguns relatos dos grupos de Kaës soem familiares para aqueles habituados com os chamados grupos de reflexão (Delarosa, 1979) e algumas modalidades de grupos operativos de aprendizagem (Pichon-Rivière). De fato, estes dispositivos de grupo podem assemelhar-se muito em termos da forma de convocação (convite aos participantes), distribuição do tempo, duração e mesmo em alguns efeitos aparentes com aquilo que é relatado por Kaës. Mas isto não significa identidade entre tais modalidades. Muito pelo contrário, como mostramos, a história dos grupos de formação de René Kaës é bem outra, o projeto de identificar as convergências e divergências dos desdobramentos de tais diferenças históricas permanece em aberto, mas um ponto merece nossa atenção neste momento: notamos que os *t-groups* foram criados para uma formação dirigida à área de dinâmica de grupo. Os grupos de Kaës parecem manter algo desta orientação original: são geralmente profissionais das áreas de saúde que buscam os grupos relatados por Kaës por razões que não ficam totalmente claras, mas certamente incluem o seu campo profissional. Neste sentido, os grupos de Kaës não abrangem as populações e objetivos variados que poderíamos supor no termo “formação” e que efetivamente existem, sob o mesmo rótulo nos trabalhos realizados e relatados por outros psicanalistas de grupo franceses (ver notadamente o uso e amplitude do termo “formação” por Claudine Vacheret, 2000). É assim, que a respeito do seu trabalho com psicodrama psicanalítico de grupo, Kaës faz-nos pensar na conotação restritiva que confere ao termo “formação” quando diz:

Uma outra fonte de renovação nos foi trazida pelas “aplicações” do psicodrama psicanalítico de grupo aos objetivos que não são especificamente de formação ou psicoterápicos, mas de colocação em trabalho de situações clínicas difíceis. (KAËS & MISSENARD, 1999, p.4)

No campo da teoria da técnica, este aspecto é certamente uma das diferenças da noção de “formação” em Kaës, daquela de “aprendizagem” em Pichon-Rivière. Outros pontos de afastamento (e de proximidades) entre os autores poderiam ser estudados mas fogem dos objetivos deste trabalho. Por hora, aproveitemos a menção que vimos de fazer do psicodrama para apresentar e pensar este outro grande paradigma de dispositivo grupal que encontramos em René Kaës.

B) A reinvenção psicanalítica do psicodrama

Estamos novamente no campo da apropriação e re-invenção de um dispositivo previamente existente. Outra vez, vemos Kaës envolvido em um projeto coletivo para o qual contribui enormemente. Mas desta vez, é bem verdade, a régua do tempo retrocede um pouco mais de modo a localizar antes de Kaës as experiências inaugurais da área.

Anzieu (1956) data de 1946-47 a primeira experiência com o psicodrama na França, realizada no *Centre Psycho-Pédagogique de l'Académie de Paris*, onde, aliás, Anzieu iniciou seu trabalho com o psicodrama algum tempo depois (passando a realiza-lo em serviço similar em Strasbourg a partir de 1955). Antes da chegada da década de 50, outra experiência é destacada pelo autor quando S. Lebovici, auxiliado por J. Moreau-Dreyfus e depois por R. Diaktine e E. Kestenberg utilizam o psicodrama de modo sistemático no *Service de Neuro-psychiatrie Infantile du Pr Heuyer no Hôpital des Enfants*.

Anzieu observa que “de um modo geral, os autores franceses se esforçaram para dissociar a técnica de Moreno de suas ideias, cujas formulação frequentemente os irritou ou os deixou reticentes (ANZIEU, 1956, p.162)”. É assim que tanto pela vertente iniciada por Lebovici quanto pelos trabalhos de Anzieu vemos aos poucos a invenção progressiva de um psicodrama despojado de suas referências teóricas morenianas e apoiado na teoria psicanalítica.

Em 1962, D. Anzieu lidera a fundação do CEFFRAP, (*Cercles d'Études Françaises pour la Formation et la Recherche: Approche Psychanalytique du groupe, du psychodrame, de l'institution*)⁴. Anos mais tarde, René Kaës se tornaria membro e passaria a contribuir intensamente com esta instituição. Dentre suas atividades, o CEFRAP aprimorou uma concepção psicanalítica do psicodrama e organizou uma formação nesta técnica. Sublinhemos que o dispositivo do psicodrama psicanalítico de grupo que Kaës mencionou em suas obras é o dispositivo desenvolvido e propagado pelo CEFRAP. Por isso precisamos compreendê-lo.

Em 1999, André Misssenard introduziu o dispositivo do psicodrama psicanalítico de grupo do CEFRAP do seguinte modo:

O psicodrama comporta três etapas:

- a escolha do tema do jogo (ou sua formulação em comum) e a designação dos jogadores;
- o próprio jogo
- a elaboração que lhe segue

Alguns detalhes complementares são adicionados: ninguém pode ser “constrangido a jogar”, jogamos “como vier a mente, tão espontaneamente quanto possível”; jogamos em um espaço do cômodo reservado ao jogo; “no jogo fazemos de conta”; depois do jogo, compartilhamos sobre a cena jogada, sobre o que sentimos e percebemos. (MISSERNARD, 1999, p.35)

Esta brevíssima descrição oferece uma boa visão inicial do dispositivo proposto pelo CEFRAP. Sua brevidade é condizente com sua aposta no processo do grupo. Para os leitores habituados com outras estratégias psicodramáticas, a passagem abaixo de Villier complementa a apresentação do dispositivo do CEFFRAP pela oposição:

[...] o psicodrama de grupo não tem um “líder do jogo”. Os temas do jogo enunciado e mantido emanam do grupo. Do mesmo modo a designação dos papéis e dos atores que vão encarná-los surgem de uma elaboração dos participantes entre eles. [...] Nós não utilizamos as técnicas que são correntes em outros dispositivos, notadamente com finalidades terapêuticas, como por exemplo, o duplo, a inversão e a troca de papéis. (VILLIER, 1999, p.210-211)

Como nos demais dispositivos psicanalíticos, o dispositivo guarda uma qualidade de “espaço vazio” para receber as produções associativas que nele ocorrem. Este continente nunca é neutro, muito embora mobilize seletivamente certos processos e formações psíquicas em detrimento de outros. É com este olhar que nos debruçamos sobre a clara separação temporal e espacial dos momentos da dramatização e das trocas verbais. Para Kaës:

[...] há uma cena do jogo, não jogamos de nossos lugares, e há uma retomada do jogo e da dramatização intrapsíquica através da fala depois do jogo, em uma outra posição do corpo, em uma outra relação intersubjetiva. (KAËS, 1999, p.52)

Esta separação, estrutural dentro do dispositivo do psicodrama psicanalítico de grupo, demandaria e sustentaria o trabalho psíquico que ali se desenvolve. Como Kaës nos adverte, é ainda a fala que está no centro do dispositivo psicanalítico de grupo: “a fala e o jogo: nesta ordem. O psicodrama é instituído por uma fala que enuncia as regras do psicodrama [...]. É um princípio fundamental [...]” (KAËS, 1999, p.51).

A fala que institui o espaço possível de dramatização, deve ainda acompanhar todo o processo. De fato, para Kaës, o dispositivo do psicodrama psicanalítico de grupo demanda um trabalho psíquico no cruzamento entre a fala e o “não-verbal”. Pensar o estatuto metapsicológico da

⁴ Cf. http://ceffrap.fr/#/?page_id=22

dramatização implica a fala já que para Kaës a dramatização “[...] mobiliza o despertar de traços de memória, ao associar as habilidades motoras, a imagem e a fala” (KAËS, 1999, p.52).

A fala não é negada pelo recurso ao psicodrama, mas pretende-se que seja “enriquecida” por ele. Por isso mesmo Kaës aborda o psicodrama como um recurso técnico particularmente útil na abordagem de dimensões traumáticas. Nelas a inscrição psíquica das experiências é precária e o processo de simbolização poderia beneficiar-se mais diretamente da mobilização dos diferentes canais sensoriais ativados na dramatização. Os diferentes momentos do psicodrama psicanalítico de grupo visam justamente permitir e articular, de modo particularmente intenso, a mobilização destas diferentes vias sensoriais com sua posterior retomada pela palavra. René Kaës ancora o essencial de sua concepção do trabalho psíquico favorecido pelo dispositivo do psicodrama psicanalítico de grupo nos conceitos de *figurabilidade* (Piera Aulagnier) e sua própria concepção intersubjetiva do funcionamento do pré-consciente.

O trabalho com “situações clínicas difíceis”, proposto por Kaës, insere-se nesta concepção de trabalho sobre a dimensão traumática. É sobre esta temática que versam a maioria dos grupos de psicodrama realizados e relatados por Kaës em seus textos. Nesta proposta de trabalho, profissionais da área de saúde se inscrevem em um grupo de curta duração para um trabalho sobre os obstáculos que tenham encontrado com pacientes em suas clínicas. O grupo é conduzido com o método do psicodrama psicanalítico de grupo e a perspectiva que vimos acima. Uma notável exceção encontra-se no uso do psicodrama para o trabalho com questões relativas a interculturalidade (cf. KAËS, 1998), situação que para Kaës, também implica de modo determinante as categorias da figurabilidade e do pré-consciente.

C) Outros vestígios históricos e arqueológicos

Encontraremos ainda em Kaës algumas referências substantivas a grupos com objetos mediadores, grandes grupos (com destaque para os grandes grupos interculturais) e grupos com equipes profissionais em instituições (com propostas afeitas ao que chamamos de análise institucional no Brasil). Um projeto de arqueologia de tais práticas encontra-se ainda mais defasado em relação ao que propusemos nos itens anteriores, ainda assim, cabem algumas palavras sobre estes dispositivos.

1) Grupos com objetos mediadores:

Utilizamos a expressão “grupos com objetos mediadores” como tradução da expressão francesa *groupes à médiation* de modo a evitar confusões com o termo “grupo de mediação” atualmente em voga no Brasil no campo jurídico.

Aproveitemos a discussão prévia sobre o psicodrama afirmando que podemos pensar a dramatização como mediação. Porém, o que se desenha como proposta para os grupos com objetos mediadores não contempla a mesma separação de tempos e espaços do psicodrama psicanalítico, mas possui diferenças significativas no que tange o papel do coordenador do grupo e nuances distintas no campo do alcance clínico almejado.

Diferenciado deste modo do psicodrama psicanalítico de grupo, podemos dizer que o dispositivo dos grupos com objetos mediadores constituem um objeto de reflexão de René Kaës (e de pesquisa e atuação de seus alunos), mas não encontramos relatos de grupos do tipo conduzidos pelo próprio autor (ao contrário de todos os outros dispositivos citados neste artigo).

No “avant-propos” do livro de Claudine Vacheret sobre o assunto, Kaës (2002, p.XI) apresentou os grupos com objetos mediadores de seguinte modo:

Desde já há muitos anos, os profissionais colocaram em funcionamento -no campo terapêutico e no da formação - dispositivos de trabalho psíquico que eles nomearam “grupos de mediação”. Estes dispositivos reúnem um número restrito de pessoas, normalmente em um contexto institucional: suas relações são mediatizadas seja por um *meio sensorial* (o sonoro, os objetos plásticos), seja por *objetos culturais* já pré-constituídos (o conto, a fotografia). Para além desta diferença, o objetivo perseguido por estes grupos é de ativar ou reanimar certos processos psíquicos que não são mobilizáveis ou modificáveis de outro modo, ou que o sejam, com este dispositivo, de um modo mais eficaz. (KAËS, 2005)

Destacamos três pontos nesta passagem: o fato da existência dos grupos com objetos mediadores ser anterior a sua teorização psicanalítica; a distinção entre os meios sensoriais e culturais e o tipo de trabalho psíquico demandado e possibilitado neste dispositivo.

Sobre o primeiro ponto vemos o que já havíamos comentado sobre os grupos de diagnóstico e o psicodrama se repetir. Por isso mesmo é interessante perguntarmo-nos sobre as heranças que estes grupos trazem de sua pré-história. Um ponto importante parece ser relativo aos atores que inventaram e ainda hoje, com frequência, sustentam estes grupos. Sobre este ponto, Kaës afirma:

As pessoas que praticam este tipo de grupo nas instituições psiquiátricas não são geralmente nem psicólogos nem médicos, são os enfermeiros, às vezes os educadores ou os assistentes sociais. São eles que essencialmente inventaram estas técnicas [...] (KAËS, 2005)

Ponto que parece-nos relevante, na medida na qual vemos que o papel do coordenador do grupo de mediação é teorizado de modo condizente com esta situação. Nas palavras de Kaës:

Neste trabalho os coordenadores se abstêm de toda visada interpretativa, eles acompanham o processo de elaboração. Alguns entre eles se implicam no processo, propõem suas próprias associações verbais ou escolhem um objeto de mediação: uma máscara, um conto ou uma foto. (KAËS, 2005 p. 49)

É certo que descrito deste modo, este trabalho exige uma sensibilidade especial que se espera seja muito desenvolvida entre os psicanalistas, mas que não é exclusividade nossa. Por outro lado, é bem verdade, a compreensão psicanalítica do tipo de trabalho psíquico demandado neste dispositivo esclarece e potencializa algum de seus efeitos abrindo as portas para estudos psicanalíticos específicos sobre o papel dos coordenadores nestes dispositivos na perspectiva das ideias de Kaës, com destaque para os trabalhos de Vacheret e seus colaboradores (VACHERET et al 2002 e VACHERET (org. 2000, 2010)).

A menção ao trabalho psíquico demandado por estes dispositivos é nossa senha para pularmos para o terceiro ponto no parágrafo de Kaës que introduziu os grupos com objetos mediadores. Sobre este aspecto, sublinhamos que a compreensão metapsicológica de como opera psicologicamente um grupo com objetos mediadores, evoca as mesmas categorias e basicamente os mesmos elementos do modelo explicativo desenvolvido a propósito da especificidade do psicodrama psicanalítico de grupo. Ou seja, é na dimensão traumática que estes grupos atuam mais diretamente, auxiliando na criação/encontro de figurações e na reativação do funcionamento do pré-consciente. Assim, seguindo o tema da recomendação técnica sobre o papel dos coordenadores destes grupos Kaës afirmou:

[...] o que é constante no andamento do grupo é a sustentação que eles [coordenadores] trazem ao processo de elaboração, de tal modo que os sujeitos, primeiramente confrontados ao objeto mediador, à diversidade de suas emoções (individuais e partilhadas) e às outras diversas modalidades da influência dominante destes elementos, terminam por se servir

deles como um meio de possibilitar o acesso a representações de palavras até o momento indisponíveis. (KAËS. 2005 p. 49, colchetes nossos)

Este trabalho de sustentação é central no processo dos grupos com objetos mediadores, mas evidentemente não se restringe a eles. De fato, cabe compreender que a questão da mediação dos objetos em grupo não é um divisor de águas tão claro e absoluto como pode parecer à primeira vista. A distinção entre objetos sensoriais e meios culturais oferece-nos uma boa porta de entrada neste debate. Em uma carta publicada em 2004, a propósito de um colóquio sobre os grupos com objetos mediadores em contexto institucional, Kaës questionou a premissa que distingue os grupos com objetos mediadores daqueles que seguem o modelo da livre associação verbal cujo marco inaugural localizamos em 1965. É justamente neste grupo “inaugural” que Kaës recupera a importância que o mito do paraíso perdido teve sobre o processo grupal. De fato, se retomarmos o histórico dos trabalhos de Kaës, os elementos culturais são localizados nos grupos desde muito cedo em sua obra. Lembremos, por exemplo, da importância da referência ao grupo dos doze apóstolos, aos cavaleiros da tábua redonda, aos argonautas e ao modelo bíblico do velho testamento, na construção de suas hipóteses acerca do aparelho psíquico grupal (KAËS, 1976).

Conquanto o grupo com objetos mediadores possua uma especificidade técnica, metapsicológica e clínica, somos levados a admitir que as fronteiras não são absolutas e a questão das mediações se faz presente em todos os grupos de um modo ou outro.

2) Grandes Grupos

Os grandes grupos figuram em Kaës como um dos componentes de certos “seminários de formação”. Por este termo, designam-se eventos intensivos, de poucos dias e muitas horas de trabalho, com fins pedagógicos (sensibilização para o trabalho com grupos, por exemplo) nos quais os participantes são divididos em pequenos grupos e reagrupados para o grande grupo (podem ser propostas outras atividades também). É neste contexto que Kaës apresenta e tece seus comentários sobre os grandes grupos.

Assim, em 1973, Kaës tematizou como grandes grupos aqueles que reúnem entre 50 e 70 pessoas e discute a importância e especificidades da enunciação da regra fundamental (de livre associação) neles. A enunciação da regra fundamental é condição de possibilidade da escuta e da interpretação psicanalítica feitas pela “equipe interpretante” (formada pelo conjunto dos formadores). Sobre as especificidades dos espaços psíquicos comuns e partilhados nos grandes grupos, o autor afirmou: “em grande grupo, as relações regridem em direção às formas de organização psíquica e conteúdo mais arcaicos, marcados pela prevalência das angústias pregenitais.” (KAËS, 1973, p.39), salientou ainda a frequência com a qual o grupo grande é investido como objeto ao mesmo tempo valorizado e temido. No contexto dos seminários, uma parte importante de suas reflexões sobre o grande grupo diz respeito ainda ao seu papel como elemento do seminário de formação pensado como dispositivo, daquilo que se transfere dos pequenos grupos, da equipe interpretante (que normalmente também é a equipe de organização) para o espaço do grande grupo. Um projeto futuro de arqueologia do grande grupo em Kaës, talvez pudesse se voltar para a investigação de outras experiências de seminários de formação, como por exemplo a experiência de Bethel, origem dos grupos de diagnóstico, que teriam influenciado os seminários relatados por Kaës.

Foi em contexto semelhante que surgiu o grande grupo intercultural relatado em *Difference culturelle et souffrances de l'identité* (KAËS, 1998). Pensado como parte de um seminário especialmente voltado para a questão da intercultural, esta modalidade de grande grupo foi concebida por 12 psicanalistas provenientes de 7 países europeus reunidos na *Association Européenne pour l'Analyse Transculturelle* (EATGA). Sua “estreia” ocorreu em Masstrich em

1985, tendo sido reproduzido e inspirado experiências similares não só no âmbito europeu, mas em diferentes continentes. A grande característica distintiva deste dispositivo é que cada um deve falar sua própria língua e não há traduções previstas pela organização do evento e/ou coordenadores conquanto tradutores voluntários possam emergir no grupo.

3) Grupos com equipes de profissionais em serviços

Os grupos com equipes de profissionais em serviços são bastante evocados nos textos sobre instituição de Kaës. Eles situam-se no campo do que no Brasil chamamos de análise institucional e na França tem recebido nomes variados, conforme a proposta, tais como grupos de regulação, análise das práticas, consultas institucionais etc. Estes grupos assumem formatos bastante diferentes em Kaës. Do ponto de vista temporal, encontramos casos de grupos breves, como o caso da instituição psicanalítica relatada em *Institution en Héritage* (KAËS, 2007b) , com apenas duas sessões de quatro horas cada, mas também, encontramos os únicos relatos de grupos de duração longa e indeterminada em Kaës (cf. KAËS, 1996). É evidente como o trabalho com estes grupos é atravessado pela dimensão institucional de um modo particularmente intenso, de onde sua importância nas teorizações de Kaës sobre o assunto. Mas contrastando com este aspecto “luminoso”, a questão do próprio dispositivo de intervenção – nosso objeto neste artigo – fica em um segundo plano. O relato do grupo realizado em um hospital dia com uma equipe e publicado no *Souffrance et Psychopathologie des Lien Institués* (KAËS, 1996/2005) é particularmente detalhado, oferecendo inclusive, um exemplo valioso, no conjunto da obra, de como Kaës coordena um grupo. Ao estudarmos estes grupos, encontramos grupos verbais com uma aparente semelhança aos grupos psicanalíticos verbais estudados no início deste artigo. De todo modo, não temos informações sobre o tamanho e as instruções dadas ao grupo, nem tão pouco uma discussão sobre as formas de atuação do coordenador.

Conclusão

Os dispositivos de grupo utilizados por René Kaës são aqueles que a tradição francesa cria a partir de modelos preexistentes em um processo para o qual René Kaës contribuiu de um modo decisivo. As características deste processo nos levaram a buscar em sua arqueologia e na história de suas origens nas obras de Kaës e seus contemporâneos, elementos que nos permitissem visualizá-las o melhor possível. De todo modo, o que se revela são dispositivos definidos em termos de características gerais, o que facilita sua apropriação e adaptações às diferentes situações práticas, mas exige implicação e envolvimento do profissional no planejamento dos detalhes do dispositivo que utilizará.

Referências

ANZIEU, D. **Le Psychodrame Analytique chez l’Enfant**. Paris, PUF, 1956.

ANZIEU et al. **Le travail Psychanalytique dans les groupes I**. Paris: Dunod, 1973

ANZIEU, D.; MARTIN, J.-Y.(1968) **La Dynamique des Groupes Restreints**. 12^e éd. Paris: Presses Universitaires de France, 2000. 397p.

DELAROSSA, A. **Grupos de Reflexión**. Buenos Aires: Paidós, 1979.

KAËS, R.. Les séminaires «analytiques» de formation: Une situation sociale-limite de l'institution. IN: ANZIEU et al. **Le travail Psychanalytique dans les groupes I**. Paris: Dunod, 1973.

_____. Différence culturelle, souffrance de la langue et travail du préconscient dans deux dispositifs de groupe. In: KAËS, R. ET AL. **Différence culturelle et souffrances de l'identité**. Paris: Dunod, 1998, p. 45- 90.

_____. La parole, le jeu et le travail du préconscient dans le psychodrame psychanalytique de groupe. IN: KAËS et al. **Le Psychodrame Psychanalytique de Groupe**. Paris, Dunod, 1999.

_____. Préface. IN: VACHERET, C. (org) **Photo, Groupe et soin Psychique**. Lyon: PUL, 2000.

_____. (1976) **L'appareil psychique groupal**. Paris: Dunod, 2000. 270p.

_____. Lettre à Pierre Benghozi à propos du colloque d'Hyères sur les groupes à médiations en pratique institutionnelle. IN: **Revue de psychothérapie psychanalytique de groupe** (Groupes à médiation en pratique institutionnelles), Éres, 2004.

_____. **Os Espaços Psíquicos Comuns e Partilhados**. Transmissão e Negatividade. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2005.

_____. (1996). Souffrance et Psychopathologie des Lien Institués. IN: KAËS, R.et. all. **Souffrance et Psychopathologie des Lien Institutionnels**. Paris: Dunod, 2005.

_____. **Un Singulier Pluriel** La psychanalyse à l'épreuve du groupe. Paris : Dunod, 2007a.

_____. Le deuil des fondateurs dans les institutions: travail de l'originare et passage de génération. IN: NICOLLE, O. et KAËS, R. (org) . **L'institution en héritage: mythes de fondations, transmissions, transformations**. Paris: Dunod, 2007b.

_____. **La parole et le lien**: Processus associatifs dans les groupes. 3a edição. Paris: Dunod, 2010.

_____. KAËS, P. **Préface pour P. Castanho**, no prelo.

KAËS, R.; ANZIEU, D. **Chronique d'un groupe**. Paris, Dunod, 1976.

KAËS, R.; MISSENARD, A. Introduction. IN: KAËS et al. **Le Psychodrame Psychanalytique de Groupe**. Paris, Dunod, 1999.

MACALPINE, I.(1950) The development of the Transference. IN: ESMAN, M.D. **Essential Papers on Transference**. NEW YORK, University Press, 1990. [originalmente publicado em *Psychoanalytic Quarterly*, New York, v.19, 1950, p.501-39].

MISSENARD, A. Le psychodrama de petit groupe avec pychanalyste. IN : KAËS et al. **Le Psychodrame Psychanalytique de Groupe**. Paris, Dunod, 1999.

RODRIGUES, H. B. C. Sejam os realistas, tentemos o impossível! Desencaminhando a Psicologia através da Análise Institucional. In: Jacó-Vilela; A.M; a.a.l.; Portugal, F. (Org.). **História da Psicologia: rumos e percursos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nau, 2007, p. 515-563.

ROUSSILLON, R. (1995) **Logiques et archéologiques du cadre psychanalytique**. Paris: PUF, 2008.

VACHERET, C. (org) **Photo, Groupe et soin Psychique**. Lyon: PUL, 2000.

VACHERET, C. et al. **Pratiquer les médiation en groupes thérapeutiques**. Paris: Dunod, 2002.

VACHERET (org), **Le groupe, l'affect et le temps**. Paris, Harmattan, 2010.

VILLIER, J. La formation des psychodramatistes de groupe au CEFFRAP, IN: KAËS et al. **Le Psychodrame Psychanalytique de Groupe**. Paris, Dunod, 1999.